

Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira

CDD. 20.ed. 796.011
796.033

Maurício Pimenta MARQUES*
Dietmar Martin SAMULSKI*

*Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais.

Resumo

Este estudo analisou a carreira de jovens atletas de equipes de alto nível esportivo do futebol brasileiro que se deparam com a transição do esporte amador para o esporte profissional. Os objetivos do estudo foram: a) levantar dados relativos à sua escolaridade; b) identificar fatores relevantes na sua formação esportiva inicial; c) caracterizar seu contexto familiar e social; d) identificar fatores que influenciam no planejamento de sua carreira esportiva. A amostra do estudo foi composta por 186 jogadores com média de idade de 18,46 anos ($\pm 0,82$). Os instrumentos de coleta utilizados foram: 1) entrevista estruturada composta de 46 questões desenvolvida a partir do Athletic and Postathletic Questionnaire (Questionário Atlético e pós-atlético) e do Sports Career Transitions Questionnaire (Questionário de Transições da Carreira Esportiva) e 2) entrevista semi-estruturada. Os resultados encontrados mostraram que a maioria dos atletas tem dificuldade de conciliar estudos e treinamento e que sua formação esportiva inicial se deu principalmente na prática do futebol de rua. Quanto ao contexto familiar e social, descobriu-se que a maioria das famílias é de classe socioeconômica média baixa e baixa, indicando ainda mudanças drásticas quanto aos seus círculos sociais. A maioria dos atletas afirma planejar aspectos específicos de sua carreira esportiva, exceto com relação aos estudos.

UNITERMOS: Futebol; Psicologia do esporte; Carreira esportiva; Transições; Planejamento da carreira.

Introdução

O estudo da carreira esportiva de atletas de futebol apresenta questões que precisam ser analisadas a partir de especificidades socioculturais deste esporte no Brasil. O futebol faz parte da identidade do País e além de ser considerado a paixão nacional, é visto como uma oportunidade de ascensão social e profissional para jovens oriundos de famílias de baixa renda.

O sonho de tornar-se um jogador de futebol profissional, adquirir “status” social e melhores condições financeiras para si mesmo e, muitas vezes, para toda sua família está presente em todas as “peladas” (práticas informais organizadas pelos próprios participantes sem necessariamente seguir as regras e regulamentos determinados pela federação ou órgão regulador do esporte) nas ruas e escolas do Brasil.

A carreira esportiva de um atleta passa por diversas fases desde a iniciação até a aposentadoria. Os atletas passam por processos de captação e seleção, longos períodos de formação envolvendo treinamento e competições, socializam-se no ambiente esportivo, alcançam ou não o alto nível e finalmente cessam a prática sistemática do desporto (SALMELA, 1994). O longo processo seletivo pelo qual estes jovens passam é extremamente conflituoso e, muitas vezes, envolve uma série de obstáculos como a separação da família e do seu meio social (amigos), a dificuldade de continuação dos estudos, o alto grau de cobrança nos treinamentos e competições e a incerteza quanto à continuidade de sua carreira esportiva.

O termo “carreira esportiva” é entendido como a prática voluntária e plurianual de uma atividade

esportiva escolhida pelo atleta com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho em um ou vários eventos esportivos (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007). No entanto, devemos também levar em consideração o contexto esportivo no qual esta carreira vai ser percorrida.

Entre cada uma das fases da trajetória esportiva de um atleta, há um período chamado de transição. Uma transição na vida de uma pessoa é definida por SCHLOSSBERG (1981, p.5) como um “acontecimento ou processo que resulte em uma mudança de percepção sobre si mesmo e o mundo, o que conseqüentemente requer uma mudança correspondente no comportamento e forma de relacionamento desta pessoa”. O estudo destas transições aplicadas à atividade esportiva caracteriza-se como uma área de pesquisa que já vem sendo explorada pela Psicologia do Esporte, mas que ainda não aprofundou sua aplicação a todas as fases da carreira esportiva dos atletas, principalmente no Brasil.

Grande parte dos trabalhos sobre transições da carreira esportiva vem abordando variados aspectos da “aposentadoria” de atletas profissionais e os aspectos positivos e negativos deste acontecimento (BOTTERILL, 1983; CROOK & ROBERTSON, 1991; GORDON, LAVALLEE & GROVE, 2005; HUANG, SCHMIDT & HACKFORT, 2001; LAVALLEE, 2006; MURPHY, 1995; SCHMIDT & HACKFORT, 2001; SCHMIDT, HUANG, HACKFORT & SI, 1999; SINCLAIR & ORLICK, 1993; STAMBULOVA, 1997; TAYLOR & OGILVIE, 1998). As causas mais comuns de aposentadoria esportiva identificadas por estes estudos são a idade, lesões, escolha própria e o processo seletivo.

Apesar do assunto ser alvo constante de reportagens na mídia, pouco se sabe sobre os instrumentos de suporte social e familiar que os jovens atletas brasileiros possuem. WURTH, ALFERMANN e SABOROWSKI (1999) fizeram um estudo sobre os fatores pessoais e sociais que contribuíram para o término da carreira esportiva de jovens atletas alemães e perceberam que aqueles que buscam o alto nível precisam do apoio dos pais para alcançá-lo. No Brasil, todavia, pesquisas já identificaram diferenças no tipo de apoio familiar e financeiro que atletas de diferentes classes sociais recebem ao longo de sua carreira esportiva (RABELO, 2002; SALMELA & MORAES, 2003; VIANNA JÚNIOR, 2002; VIANNA JÚNIOR, RABELO, MOURTHE & SALMELA, 2005). A importância dos pais para se chegar ao alto nível de desempenho esportivo identificada em estudos realizados em países desenvolvidos (DURAND-BUSH, SALMELA & THOMPSON, 2005;

WYLLEMAN, DE KNOP, EWING & CUMMING, 2000) pode ser diferenciada do contexto brasileiro pela determinação e capacidade de superação de jovens oriundos de famílias de baixa renda na busca por uma melhor condição social e financeira.

O estudo da trajetória esportiva de um atleta tem características diferenciadas pelo perfil do atleta, pela cultura organizacional da modalidade esportiva e pelo ambiente socioeconômico em que estes estão inseridos (SAMULSKI & MARQUES, 2009). Um aspecto relevante desta pesquisa é fornecer subsídios para clubes e instituições que gerem o futebol no Brasil para a construção de um plano de ação mais embasado cientificamente no que se refere à gestão esportiva e aos mecanismos de suporte à formação de jovens jogadores. BRANDÃO, AKEL, ANDRADE, GUISELINI, MARTINI e NASTÁS (2000) em artigo de revisão de literatura afirmam que as transições do esporte infantil para o juvenil, do esporte amador para o profissional e do término da carreira, têm características próprias, sendo, portanto, necessário estudá-las separadamente. Enquanto vários estudos foram feitos sobre a fase de aposentadoria, poucos focalizaram as transições anteriores (ALFERMANN, 2005).

Uma característica da transição da fase amadora para a fase profissional no futebol é que ela ocorre em função do nível de desempenho alcançado pelo atleta. Caso não selecionado, este indivíduo pode ter que parar de jogar involuntariamente por falta de uma equipe que o acolha. A escolaridade, a formação esportiva inicial, o tipo de suporte familiar e social e os mecanismos de planejamento da carreira utilizados pelo atleta serão fundamentais para que ele possa lidar com possibilidades negativas como esta e/ou possibilidades positivas como efetivar-se como atleta profissional.

Este estudo focaliza, portanto, a carreira esportiva de atletas de futebol na idade final da adolescência e início da idade adulta que se deparam com a transição do esporte amador para o esporte profissional. Os conhecimentos produzidos a partir do estudo deste tema poderão ser bastante relevantes no que diz respeito à intervenção e aconselhamento junto a atletas, pais de atletas, empresários, treinadores e dirigentes esportivos, pois possibilitam um maior entendimento dos processos organizacionais, sociais e psicológicos que permeiam a trajetória esportiva de atletas desde a iniciação até o término e após o término de sua carreira esportiva. Muitas vezes não é dada a devida atenção a esta preparação, o que pode resultar em aproveitamento inadequado do potencial atlético, falta de apoio social

e institucional, desorganização da vida não esportiva, dificuldade de adaptação a novas fases da carreira e até mesmo desistência da prática esportiva.

Desta forma, os objetivos deste estudo foram: a) levantar dados relativos à escolaridade dos atletas;

b) identificar fatores relevantes na formação esportiva inicial dos atletas; c) caracterizar o contexto familiar e social dos atletas; d) identificar os fatores que influenciam no planejamento da carreira esportiva dos atletas

Procedimentos e métodos

Esta pesquisa teve um componente combinado de coleta e análise de dados que buscou aproveitar os benefícios do estudo quantitativo e qualitativo. Segundo THOMAS e NELSON (2002), a pesquisa quantitativa tende a centralizar-se na análise da situação problema ao separar e examinar os componentes de um fenômeno, enquanto a pesquisa qualitativa busca compreender o significado para os participantes de uma experiência em um ambiente específico e de que maneira os componentes combinam-se para formar o todo.

Amostra

Participaram desta pesquisa 186 atletas que pertencem a clubes cujas equipes profissionais disputaram a série A do Campeonato Brasileiro em 2007, sendo que 11 destes são da Seleção Brasileira Sub 20 que participou do Mundial na Categoria Júnior em 2007, no Canadá.

A média de idade dos atletas participantes da pesquisa foi de 18,46 anos ($\pm 0,82$), sendo que 26,4% nasceram na mesma cidade do clube onde jogam e 73,6% nasceram em outras localidades. Do total de atletas do estudo, 52,2% moram no alojamento do clube, ou seja, distantes da família.

Instrumentos

Este estudo utilizou dois instrumentos para coleta de dados. O primeiro foi uma entrevista escrita estruturada com 46 questões desenvolvida a partir do Athletic and Postathletic Questionnaire (Questionário Atlético e Pós-Atlético) de HACKFORTH, EMRICH e PAPATHANASSIOU (1997), traduzido para o português por Samulski, do Sports Career Transitions Questionnaire (Questionário de Transições da Carreira Esportiva) de STAMBULOVA (1995). Algumas questões foram adaptadas e/ou acrescentadas, considerando-se aspectos específicos da fase de transição estudada e do contexto do futebol no Brasil. Tais questões foram adaptadas ao

contexto brasileiro a partir da revisão de literatura e da análise das perguntas por cinco diretores / supervisores de clubes, todos com mais de 10 anos de experiência com atletas de categorias de base. Após uma coleta de dados piloto, as perguntas da entrevista foram submetidas então à validação de conteúdo por cinco "experts" na área de Psicologia do Esporte conforme sugerido por PARTNEY e WATKINS (2002).

A entrevista escrita é composta por questões de múltipla escolha, sendo que 20 destas questões têm opção final aberta ("outro"), para detectar alguma categoria de resposta que não constasse das opções.

O segundo instrumento foi uma entrevista semi-estruturada aplicada em atletas indicados pelos diretores / supervisores com o objetivo de obter dados complementares à análise quantitativa (GROVE, LAVALLEE, GORDON & HARVEY, 1998). A entrevista semi-estruturada caracteriza-se por um roteiro de perguntas previamente estabelecido de acordo com os tópicos abordados pela pesquisa, mas que tem flexibilidade de ser extrapolado ou redirecionado de acordo com o desenvolvimento das respostas do entrevistado. Cabe ao pesquisador identificar aspectos relevantes que sejam pertinentes aos objetivos do estudo e abordá-los com novas perguntas não pré-estabelecidas. As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas pelo mesmo pesquisador de maneira a garantir que o mesmo critério de condução das perguntas fosse seguido com todos os atletas, além de seguirem procedimentos descritos por CÔTÉ, SALMELA, BARIA e RUSSELL (1993), CÔTÉ, SALMELA, TRUDEL, BARIA e RUSSELL (1995), e por SALMELA, MARQUES, MACHADO e DURAND-BUSH (2006).

Cuidados éticos

Este estudo respeitou todas as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde e pelo Tratado de Ética de Helsinki envolvendo pesquisas com seres humanos. O Projeto de Pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE foram

aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa - COEP - da Universidade Federal de Minas Gerais através do parecer número ETIC 384/07.

Este projeto contou também com a chancela da Escola Brasileira de Futebol (EBF), órgão responsável pelos aspectos acadêmicos e científicos da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Procedimentos de coleta de dados

O primeiro contato com os clubes foi feito via telefone junto aos diretores / supervisores das categorias de base. Após a explicação dos objetivos e procedimentos do estudo, foram enviadas, via eletrônica, a carta da apresentação da UFMG, a carta de apoio institucional da EBF / CBF e o questionário para apreciação do dirigente. Após o aceite formal do clube, a visita era agendada.

Todas as coletas foram feitas pelo próprio pesquisador e seus assistentes nas instalações dos clubes ou hotéis, em local confortável previamente preparado e sem pressão de tempo. Um “kit” contendo prancheta, caneta, o questionário e o TCLE eram entregues aos atletas. Antes do início do preenchimento do questionário, era feita a explicação dos objetivos do estudo, orientava-se quanto à forma de preenchimento das questões e reiterava-se a importância da veracidade das respostas, sempre com linguagem simples e clara. Os atletas foram ainda alertados que, durante o preenchimento do questionário, quaisquer dúvidas poderiam ser sanadas pelo pesquisador. O preenchimento do questionário durou, em média, 25 minutos por atleta.

Após o término da coleta de dados com o grupo de atletas, o supervisor / diretor indicava um atleta que pudesse participar da entrevista semi-estruturada. Conforme sugerido por CRESWELL (2003), as entrevistas semi-estruturadas foram feitas com indivíduos “intencionalmente selecionados por auxiliar o pesquisador a melhor compreender o problema e a pergunta da pesquisa” (p.185). Tais procedimentos de coleta de dados qualitativos consideram quatro aspectos identificados por MILES e HUBERMAN (1994): o local onde a pesquisa se realizará, os atores ou quem será entrevistado, o

evento pesquisado, e o processo no qual este indivíduo está inserido. Após orientação do pesquisador e conhecedor das características de seus jogadores, o dirigente indicava o atleta a partir da vivência deste acerca do fenômeno estudado e de sua capacidade de explicar sobre tal fenômeno, neste caso, falar sobre sua carreira esportiva. As entrevistas duraram em média 15 minutos, foram gravadas e depois transcritas.

Um dado adicional foi coletado junto aos diretores / supervisores relativo à carga horária anual de treinamento de cada categoria do clube. Tal dado foi coletado também em forma de entrevista.

Finda a coleta, uma carta de agradecimento era entregue ao dirigente e era assumido o compromisso do retorno dos resultados do estudo para o clube esportivo.

Análise dos dados

A análise quantitativa dos dados foi feita através do pacote estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences) para Windows, versão 11.0. Os dados contínuos foram analisados de forma descritiva (média e desvio padrão), e os dados categóricos ou nominais, por distribuição de frequência (percentual).

A análise qualitativa das entrevistas foi feita por categorização de dados. Depois de transcritas, as respostas das entrevistas foram divididas em pequenos textos ou vinhetas narrativas (THOMAS & NELSON, 2002) que expressavam uma ideia ou informação compreensível. Estes pequenos textos foram categorizadas por assunto por três pesquisadores separadamente, de acordo com o conteúdo das informações. Posteriormente, as categorizações foram analisadas em conjunto pelos mesmos três pesquisadores, e aquelas vinhetas categorizadas de forma diferente foram discutidas até que chegasse a um consenso. Na apresentação dos resultados, as citações das entrevistas foram identificadas do código A1 até A7, sendo que cada código refere-se a um determinado atleta. Os nomes próprios dos atletas e clubes citados nos depoimentos foram substituídos para garantir o anonimato dos voluntários.

Resultados e discussão

Os resultados serão apresentados de acordo com a ordem cronológica dos objetivos da pesquisa. Ou seja, primeiramente serão apresentados os dados da escolaridade e em seguida os resultados relativos à formação esportiva inicial, contexto familiar e social, e planejamento da carreira. As citações diretas coletadas nas entrevistas serão apresentadas ao longo do texto para que se possa visualizar o aspecto quantitativo através dos dados das figuras e tabelas, e em seguida, adicionar o componente qualitativo da percepção dos atletas acerca do aspecto abordado. A discussão será feita sob a luz da revisão bibliográfica.

Escolaridade

Quanto à escolaridade, a TABELA 1 mostra até que série os atletas cursaram ou estão cursando. Pelo fato da idade mínima dos atletas desta pesquisa ser de 18 anos quando deveriam estar cursando o 3º ano do ensino médio ao considerarmos a cronologia das idades e séries escolares, a soma dos percentuais desde a 1ª série do Ensino Fundamental até a 2ª série do Ensino Médio, indica que pelo menos 53,2% dos atletas estão defasados com relação à série correspondente à sua idade

TABELA 1 - Escolaridade dos atletas.

Até que série escolar você cursou ou está cursando	Porcentagem %
1ª série do Ensino Fundamental	1,1
2ª série do Ensino Fundamental	0,5
3ª série do Ensino Fundamental	0,5
5ª série do Ensino Fundamental	1,1
6ª série do Ensino Fundamental	0,5
7ª série do Ensino Fundamental	1,6
8ª série do Ensino Fundamental	5,4
1ª série do Ensino Médio	19,9
2ª série do Ensino Médio	22,6
3ª série do Ensino Médio	33,9
Curso superior (interrompido)	12,9
Total	100,0

Com relação às dificuldades de conciliar estudos e treinamentos, observe o depoimento abaixo:

Essa é a parte mais difícil, porque eu era acostumado a estudar com a minha mãe em

cima,... porque estudo muita gente gosta, outros não gostam, eu não gostava. Aqui já mudou um pouco, o clube facilita muito porque a gente tem escola aqui dentro, mas mesmo assim eu já comecei a desandar no estudo, minha mãe longe...eu acho que (a escola dentro do clube) foi o que ajudou bastante senão eu não teria me formado. É muito difícil conciliar os treinos porque normalmente treinamos dois períodos, e estudar à noite exige um pouco de vontade, determinação (A2).

Outro aspecto relevante diz respeito ao fato de que 51% dos atletas em algum momento da sua carreira esportiva interromperam os estudos para jogar futebol.

Ainda com relação à escolaridade, foram dadas cinco opções para que os atletas pudessem mensurar o grau de dificuldade que eles tiveram para conciliar os treinamentos e competições do futebol com os estudos: 57% acreditam ser “Relativamente Difícil” estudar e jogar futebol ao mesmo tempo; 23% achou “Normal”; 17,2% “Muito difícil”; 0,5% “Relativamente Fácil”. Nenhum atleta classificou como “Muito Fácil” conciliar os estudos e os treinamentos.

Os resultados relativos à escolaridade corroboram as afirmações de WYLLEMANN, ALFERMANN e LAVALLEE (2004) e WYLLEMANN e LAVALLEE (2004) de que jovens atletas envolvidos no esporte de competição têm dificuldade de conciliar estudos e vida esportiva. Mais da metade dos atletas de nosso estudo estão defasados em relação à série correspondente à sua faixa etária, o que vem de encontro aos resultados de DE KNOP, WYLLEMANN, VAN HOUCKE e BOLLAERT (1999) com atletas europeus que demonstraram dificuldades no rendimento acadêmico. Mais da metade também chegou a parar de estudar em algum momento da vida acadêmica, o que pode levá-los a se arrepender futuramente, conforme constatou DONNELLY (1993) em pesquisa com atletas aposentados.

O fato da maioria destes atletas não morarem com os pais certamente é um agravante ilustrado pelo depoimento do atleta A2 ao citar que seus problemas começaram quando ele passou a morar no alojamento do clube e não havia mais a presença da mãe para exigir os estudos. Neste mesmo depoimento, ele afirma que o fato do clube possuir uma escola dentro de duas instalações foi o que o ajudou a continuar estudando. É louvável que existam clubes brasileiros com esta preocupação. Esta iniciativa possibilita também que os currículos

destas escolas sejam adaptados, podendo incluir conteúdos aplicados ao meio esportivo e à realidade dos atletas, tais como línguas estrangeiras, linguagem midiática, planejamento da carreira e informática.

Um aspecto que pode ser limitador da escola instalada dentro do clube é a diversificação dos círculos sociais (HACKFORTH & HUANG, 2005), pois, ao frequentarem uma escola regular, os atletas têm contato com outros jovens não envolvidos com o esporte, possibilitando novas amizades. Treinando e estudando no clube, o contato social fica restrito aos colegas do futebol.

Formação esportiva inicial

Os dados levantados neste tópico nos ajudaram a traçar um perfil da trajetória destes atletas até chegarem à Categoria Júnior de um clube da série A do futebol brasileiro para que pudéssemos, posteriormente, discutir, quais as similaridades e diferenças na formação esportiva deste grupo de jovens atletas comparados a outros estudos.

A primeira pergunta sobre este tópico se relacionava ao local onde eles aprenderam a jogar futebol. A rua ainda é o cenário principal da formação inicial destes jovens jogadores de futebol (54,8%). No entanto, a escolinha, uma instituição esportiva relativamente recente no futebol brasileiro, surge com um percentual relevante (33,9%), apontada pelos atletas como o local da aprendizagem inicial do futebol. Outros locais indicados pelos atletas foram: em casa (9,7%) e no colégio (1,1%).

Os resultados encontrados neste estudo confirmam que o futebol na rua continuam sendo o principal espaço de iniciação ao futebol no Brasil, corroborando as afirmações de SALMELA, MARQUES e MACHADO (2003). No entanto, um percentual expressivo (33,9%) dos atletas afirma que aprendeu a jogar futebol na escolinha. As escolinhas parecem estar se proliferando, principalmente nos grandes centros urbanos, onde não é mais possível jogar na rua por questões de espaço e de segurança.

Outro fato a ser discutido é que o contato destas crianças com o treinamento especializado está acontecendo antes da idade sugerida pela literatura, que é dos 13 aos 15 anos (CÔTÉ, BAKER & ABERNETHY, 2003; DRUBSCKY, 2003). A média de idade na qual os atletas de nossa amostra iniciaram os treinamentos regulares foi de 8,95 anos ($\pm 2,77$). Este contato precoce com o treinamento estruturado depende muito da formação do treinador e da qualidade do treinamento, pois pode ser um fator limitador da criatividade, espontaneidade e motivação típicas das brincadeiras de rua. Pode estar havendo no Brasil uma transição, em que o jogo deliberado (CÔTÉ, 1999) está cedendo espaço para a prática deliberada (ERICSSON, KRAMPE & TESCHE-RÖMER, 1993). No entanto, são necessários estudos específicos acerca das experiências motoras passadas dos atletas para que se possa caracterizar o tipo de prática vivenciada.

Outro dado coletado junto aos diretores / supervisores de categorias de base foi a média anual de horas de treinamento de cada categoria (TABELA 2). Estes dados foram coletados a partir do planejamento anual dos clubes.

TABELA 2 - Carga horária anual de treinamento por categoria.

Categoria	Faixa etária	Mínimo	Máximo	Média de horas anuais	Desvio Padrão
Mirim	13 anos	210,00	517,00	376,75	162,87
Pré-infantil	14 anos	264,00	564,00	434,16	130,13
Infantil	15 anos	528,00	799,00	650,50	119,90
Juvenil	16 e 17 anos	630,00	846,00	747,17	73,58
Júnior	18, 19 e 20 anos	752,00	1081,00	867,33	125,53

A partir destes dados, calculamos a média de horas de treinamento pela qual estes atletas passaram ao longo de sua trajetória esportiva (FIGURA 1). Foi considerada a idade inicial de 13 anos, pois a média de idade na qual estes atletas foram federados

foi de 12,41 anos ($\pm 2,57$). Federar-se diz respeito ao momento em que o jogador é oficialmente registrado junto às federações estaduais como atleta do clube, portanto, participando de treinamentos e competições regulares.

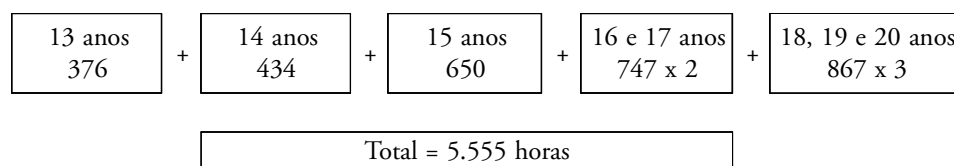


FIGURA 1 - Soma das médias anuais de horas de treinamento dos atletas dos 13 aos 20 anos de idade.

Analisando a FIGURA 1, podemos inferir que a média de horas de treinamento destes atletas ainda está distante do tempo de treinamento de 10.000 horas sugerido por ERICSSON, KRAMPE e TESCH-RÖMER (1993) para alcançar o nível de excelência. Há que se ressaltar, no entanto, que não está sendo considerado aqui o tempo de prática anterior ao momento de registro na federação e nem a qualidade do treinamento a que estes atletas foram submetidos para que se caracterize efetivamente a prática deliberada. Um treinamento realmente estruturado exige organização, metas e controle que garantam que determinada qualidade técnica, tática, física ou psicológica, esteja sendo efetivamente otimizada. Há que se aprofundarem os estudos quanto a eficiência das metodologias de treinamento empregadas pelos treinadores brasileiros, para que se possa caracterizar o trabalho como sendo, realmente, uma prática deliberada.

Dois outros dados foram coletados: com relação à prática do futsal como diferencial no desenvolvimento da habilidade dos jogadores brasileiros e a prática de esportes variados (experimentação ou "sampling years") antes da especialização em uma determinada modalidade, conforme sugerido por CÔTÉ (1999). Do total de atletas, 80,6% treinaram futsal em equipes e escolinhas e 68,3% não praticaram ou treinaram outros esportes antes de se associar a um clube de futebol, confirmando a monocultura do futebol na iniciação destes jovens. Estes resultados indicam que DRUBSKY (2003) e SALMELA, MARQUES e MACHADO (2003) estão corretos ao afirmarem que o futsal é um elemento importante na formação do jogador brasileiro de futebol de campo, pois mais de 80% dos atletas declararam terem treinado futsal em sua formação inicial. No entanto, no que diz respeito à prática de outros esportes, os resultados desta pesquisa não confirmam os resultados de WYLLEMANN et al. (2000) e CÔTÉ (1999), pois a maioria não praticou outros esportes nesta fase inicial. SALMELA, MARQUES e MACHADO (2003) já haviam levantado a hipótese de que no Brasil não

havia a prática de diferentes esportes na fase de experimentação, mas eles argumentam que pode haver experimentação de atividades diversificadas do ponto de vista motor dentro do próprio futebol. A prática em diferentes espaços e ambientes, tais como os jogos na rua, na praia, na várzea, na quadra de futsal, o futevôlei, e a utilização de diferentes tipos de bolas como, por exemplo, bola de plástico, borracha e bola de meia, podem oferecer diversidade motora comparável a prática de diferentes modalidades. Todavia, estudos específicos devem ser desenvolvidos para que se possam confirmar tais transferências.

A partir do momento em que os jovens são indicados para um clube, eles passam pelas ditas "peneiradas" (MORAES & MEDEIROS FILHO, 2006), que são testes avaliativos que decidem se o atleta está apto ou não a fazer parte da equipe. No grupo de atletas deste estudo, a média de idade na qual eles realizaram seu primeiro teste foi de 11,55 anos ($\pm 2,46$). Estes jovens podem fazer vários testes até serem aceitos em uma equipe e, em nossa amostra, foram encontrados jogadores que chegaram a fazer 10 testes até que fossem aceitos em um clube de futebol.

Até hoje, desde o tempo que eu estou aqui, acho que eu e um ou dois sobrevivemos. Nesses anos aqui, muita gente que passou, que eu não vejo mais, e alguns que eu vejo, estão em outros clubes, e roda, e vai aqui, vai ali, não pára...(A7).

Em 1998, a Lei Pelé mudou as regras de profissionalização de jovens jogadores de futebol no Brasil, e estes atletas passaram a poder assinar seu primeiro contrato a partir de 16 anos de idade. Os resultados de nosso estudo mostram que 88,2% dos jogadores já assinaram seu primeiro contrato profissional, e isto foi feito quando eles tinham em média 16,99 anos ($\pm 0,85$). Outro dado interessante é que 75,5% já assinaram um termo de compromisso com algum empresário, agente ou procurador. A TABELA 3 mostra um resumo da média de idade destes garotos em momentos importantes de sua trajetória esportiva.

TABELA 3 - Resumo das idades de referência.

	Idade Mínima	Idade Máxima	Média	Desvio Padrão
Com quantos anos você começou a ter treinos regulares?	4	16	8,95	2,77
Com quantos anos você fez seu primeiro teste?	5	18	11,55	2,46
Com quantos anos você federou na sua primeira equipe?	6	18	12,41	2,56
Com que idade você assinou seu primeiro contrato como profissional?	16	19	16,99	0,85

Contexto familiar e social

No que diz respeito ao nível socioeconômico das famílias dos atletas (FIGURA 2), os resultados indicam, ao se somar os percentuais, que 79,6% das famílias pertencem à classe média baixa (renda de cinco a 10 salários mínimos) ou classe baixa (renda de meio

a dois salários mínimos), conforme os critérios do IBGE. Foi pedido ainda aos atletas que não incluíssem sua renda própria, apenas das pessoas que moravam na casa da família. Tal pedido visou evitar causar uma situação constrangedora aos voluntários ao terem de externar o valor de seu salário, mesmo que agregado ao valor da renda família.

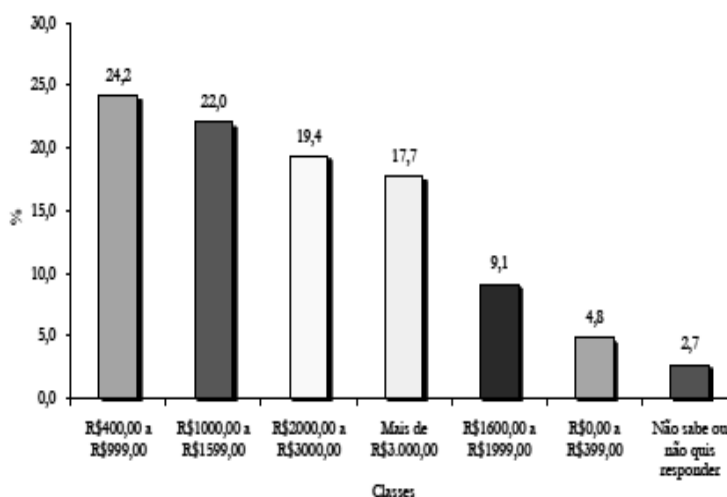


FIGURA 2 - Faixa de renda familiar sem considerar a renda do atleta.

Há, no entanto, condições socioeconômicas diferenciadas entre as famílias, e estas diferenças podem propiciar oportunidades distintas, conforme demonstram os relatos abaixo:

Temos uma condição financeira boa, razoável pro dia de hoje, de vez quando, nos feriados, ou eu vou pra lá, ou se tiver jogo aqui eles estão vindo pra cá. Eles vêm pra cá sem problema algum, dando apoio total sempre, da família. Acho que é o mais importante, do meu pai, da minha mãe, meus irmãos, isso é muito bom pra seguir em frente (A7).

Muitos pararam, alguns jogam em clube pequeno, outros jogam no clube de várzea. Muitos pararam porque a família também já não

tinha condição pra ficar correndo atrás, tem muito moleque que pára com qualidade, moleque que se for pra time grande consegue mais alguma coisa, mas só que tem que parar pra ajudar, essa é a realidade. Em vários casos dos meus amigos aconteceu isso (A6).

Vários estudos ressaltam a importância dos pais para o sucesso dos filhos no âmbito esportivo. No entanto, 75% dos atletas precisaram se mudar de casa para jogar futebol, ou seja, passaram parte da adolescência distante dos pais. A média de idade na qual estes jovens saíram de casa foi de 13,56 anos ($\pm 2,60$).

Foi a época mais difícil, com 12 anos de idade, ali que eu tinha que decidir se era ou não (jogador)...tinha época que eu me trancava no

banheiro e ficava chorando e não contava e não contei nenhuma vez para minha mãe que eu chorava, porque se fosse contar ela ia querer que eu fosse embora, o primeiro mês foi barra, ficar longe da mãe (A1).

A distância dos pais é um fator agravante com relação ao tipo de apoio oferecido por estes. Na média, os atletas deixam de morar com os pais com pouco mais de 13 anos de idade. Esta é uma característica específica do futebol no Brasil e que diferencia o tipo

de apoio sugerido por outros autores (BLOOM, 1985; CÔTÉ, BAKER & ABERNETHY, 2003; DURAND-BUSH, SALMELA & THOMPSON, 2005; WYLLEMANN et al., 2000). A maioria destes jovens não tem contato diário com os pais e ainda assim acredita que tem apoio, principalmente com relação aos aspectos emocionais.

Apesar de passarem grande parte do tempo distante dos pais, na percepção dos atletas, o apoio que recebem é elevado, principalmente quanto aos aspectos motivacionais e emocionais (TABELA 4).

TABELA 4 - Percepção dos atletas acerca do nível de apoio que os pais puderam lhes oferecer durante sua carreira esportiva.

Aspecto	Grau de apoio				
	Nenhum apoio %	Pouco apoio %	Apoio razoável %	Muito apoio %	Apoio total %
Transporte para treinos e jogos	8,6	11,8	18,3	14,0	47,3
Apoio financeiro	7,5	13,4	21,0	13,4	44,6
Incentivo a continuar treinando	1,1	2,2	0,5	7,6	88,6
Apoio emocional em situações difíceis (contusões, dispensas, etc.)	1,6	2,2	1,6	10,8	83,9

Sempre, desde o começo, a minha família foi o fator principal, estou aqui por causa deles, e por mim também, pois sempre gostei de futebol, e eles me apoiaram em tudo, tanto em transporte, em tudo que eles puderam me ajudar até hoje eles sempre me ajudam (A5).

Os resultados referentes ao nível socioeconômico das famílias dos jogadores foram bem próximos daqueles identificados por RABELO (2002) e VIANNA JUNIOR et al. (2005), confirmando que a maioria das famílias de atletas de futebol tem menor poder aquisitivo. O baixo poder aquisitivo das famílias justifica o menor apoio financeiro se comparado ao

apoio emocional e motivacional. Todavia, existe uma parcela considerável de famílias (17,7%) com poder aquisitivo acima de R\$3.000,00 mensais. Estes dados podem sugerir que já há maior aceitação social por parte destas famílias de maior poder aquisitivo com relação à opção do filho de se tornar jogador de futebol. O futebol que começou elitizado e racista, depois se democratizou e perdeu "status", pode estar voltando a atrair as elites como uma prática profissional aceitável.

Quanto ao aspecto social de contato com os amigos, a TABELA 5 mostra as mudanças nos círculos de amizade causadas pelo envolvimento com o futebol.

TABELA 5 - Mudanças nos círculos sociais.

	Da rua ou do bairro %	Do futebol %	Do colégio %	Parentes %	De outro lugar %
De onde eram seus amigos, antes de você se tornar jogador de futebol?	71,0	0,0	25,8	2,2	1,1
Hoje, de onde são seus amigos?	34,4	52,7	2,7	8,1	2,2

... mas a maior dificuldade que tem é que cada um é de um canto, cada um tem uma criação diferente. Acho que o mais difícil é respeitar a privacidade de cada um, tem gente que vem da Bahia, outro vem de São Paulo, outro do Rio... Conviver com 80 caras diferentes que você nunca viu, tem cara se tornando seu melhor

amigo, é bem difícil, mas depois que acostumou também aí é só brincadeira, só resenha (A1).

Dos atletas participantes, 48,4% afirmaram sentirem falta de fazer outras atividades fora do ambiente do futebol. As atividades mais citadas por este grupo foram: estar com a família, namorar e sair com os amigos.

A FIGURA 3 mostra, na percepção dos atletas, como ficou sua vida social com relação à convivência

com os amigos, lugares que frequentava e tempo para o lazer após o envolvimento com o futebol.

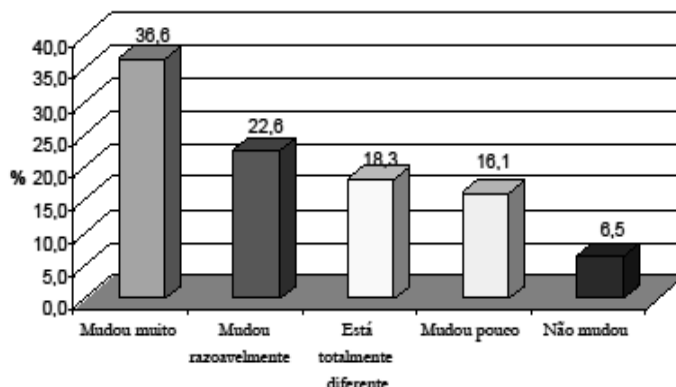


FIGURA 3 - Percepção dos atletas acerca das mudanças nos seus círculos sociais ao longo de sua carreira esportiva.

Os resultados configuram mudanças drásticas no círculo de amizades dos atletas que, antes de se tornarem jogadores de futebol, tinham os amigos da rua, do bairro e da escola como referência, sendo que hoje estas amizades concentram-se no meio esportivo. Novamente, a distância parece ser o fator limitador para que estes atletas mantenham suas amizades de origem, conforme sugerido por HACKFORD e HUANG (2005). A importância de relacionamentos sociais consistentes identificada em outros estudos (DE KNOP et al., 1999; CÔTÉ, BAKER & ABERNETHY, 2003; PUMMELL, HARWOOD & LAVALLE, 2008) apresenta características diferentes neste contexto, pois as amizades construídas no futebol são fruto de convivência e não da afinidade. O amigo que aconselha pode ser o mesmo que toma o lugar no time.

A grande maioria dos atletas percebe que sua vida social mudou de alguma forma após tornar-se jogador de futebol. Quase a metade dos atletas afirma sentir falta de fazer outras atividades fora do futebol e cita o contato com a família, os amigos e a namorada como o que mais sente falta, acompanhando os resultados de WYLEMANN, LAVALLEE e ALFERMANN (1999). É importante ressaltar que estes jovens estão no momento de transição também

no âmbito psicossocial, onde as referências estão voltadas para os pais, os amigos, a parceira e o treinador, conforme indicado por WYLEMANN e LAVALLEE (2004) em seu modelo desenvolvimentista.

Não há dúvida de que o círculo social destes atletas precisa ser ampliado. Para tanto, cabe aos clubes facilitar o contato dos atletas com suas famílias e promover um ambiente social positivo. Pode-se sugerir também que os clubes ofereçam programas educativos com encontros, seminários e intervenções junto às famílias, treinadores e outras pessoas de convívio dos jogadores. O acompanhamento individualizado dos atletas por parte de profissionais especializados, tais como psicólogos e assistentes sociais, parece também imprescindível.

Planejamento da carreira

No que diz respeito ao planejamento da carreira, a primeira pergunta feita foi qual era a expectativa do atleta com relação à profissão de jogador de futebol. Foi solicitado que se colocasse em ordem de prioridade, e o aspecto familiar foi considerado pela maioria dos atletas (58,1%) como o mais importante (FIGURA 4).

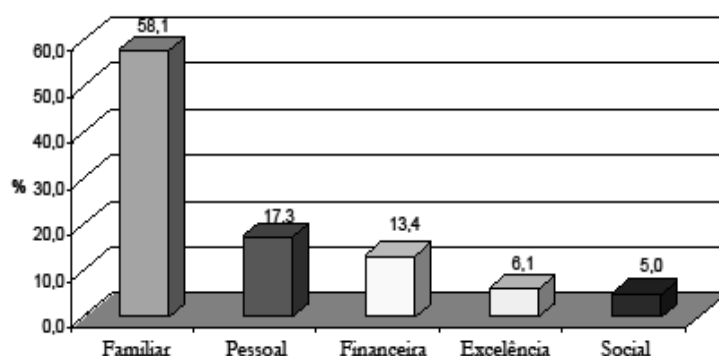


FIGURA 4 - Expectativas dos atletas com relação à profissão de jogador de futebol.

A família surge como a principal referência no que diz respeito às expectativas dos atletas com relação ao futebol e ao planejamento de sua carreira. Ajudar a família é o principal anseio destes atletas.

Com o objetivo de identificar quem eram as pessoas que ofereciam suporte aos atletas com relação aos

assuntos do futebol, perguntou-se aos atletas quem eram seus “maiores” conselheiros. A figura do pai foi a mais mencionada pelos atletas, com 56,5%. Surge aqui como opção para 14% dos atletas o empresário e, surpreendentemente, o técnico foi indicado como conselheiro por apenas 4,8% dos atletas.

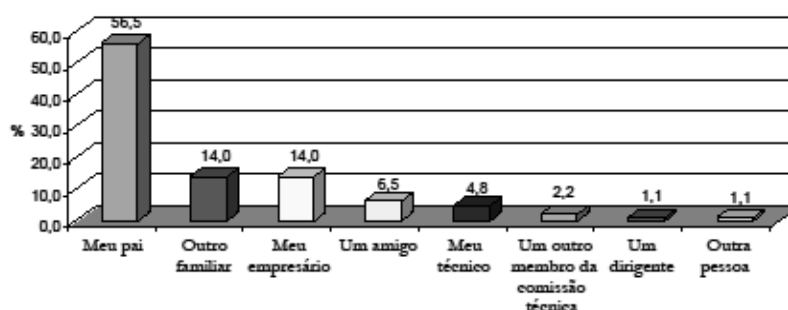


FIGURA 5 - Percepção dos atletas sobre quem é seu maior conselheiro acerca de assuntos do futebol.

Nesta fase da carreira esportiva, o empresário começa a ter um papel mais importante para uma parte dos atletas, enquanto o treinador tem uma atuação bastante apagada para esta amostra de jogadores, ao contrário do que é sugerido por SALMELA, YOUNG e KALLIO (2000), CÔTÉ, BAKER e ABERNETHY (2003) e ALFERMANN e WURTH (2001). A falta de reconhecimento do treinador como uma pessoa importante para o atleta nos assuntos esportivos pode estar associada à estrutura das categorias de base no Brasil. A maioria dos clubes

brasileiros possui um treinador para cada categoria, o que implica que o atleta terá o mesmo treinador por no máximo dois anos. As mudanças de treinadores ao longo da vida esportiva destes atletas podem justificar o não reconhecimento do treinador como um conselheiro importante. O processo seletivo constante também pode promover este distanciamento, pois o mesmo treinador que aconselha é quem dispensa o atleta, fazendo com que este não tenha a confiança necessária para se dirigir ao treinador.

A TABELA 6 mostra a percepção dos atletas sobre o grau de planejamento dedicado a diferentes aspectos de sua carreira esportiva. Os estudos foram os aspectos

de menor foco de planejamento, enquanto formas de ajudar a família é um aspecto ao qual a maioria dos atletas (82,8%) sempre dedica planejamento.

TABELA 6 - Percepção dos atletas sobre o grau de planejamento dedicado a diferentes aspectos de sua carreira esportiva.

Questões	Grau de planejamento				
	Nunca planejei %	Planejo um pouco %	Planejo mais ou menos %	Planejo bastante %	Planejo sempre %
Estudos: parar ou continuar a estudar, fazer universidade	9,1	17,7	30,1	27,4	15,6
Formas de dar apoio à família: dar ajuda financeira, visitar os pais, etc	0,5	1,6	0,5	14,5	82,8
Decisões relativas ao futebol: negociação de contrato ou ajuda de custo, transferências, projetos futuros	1,6	3,8	17,2	35,5	41,9
Estabelecimento de metas nos treinos e jogos	2,7	2,2	7,1	21,7	66,3
Cuidados pessoais: alimentação, sono, saúde	1,1	2,2	11,3	33,9	51,6
Controle financeiro: gastos e economias	2,2	4,3	12,4	37,3	43,8

Estes resultados demonstram que a maioria dos atletas acredita “Planejar bastante” ou “Planejar sempre” os aspectos mencionados na TABELA 6, com exceção do planejamento relativo aos estudos, que mais uma vez apresenta dificuldades em ser conduzido. Uma sugestão feita por WYLLEMANN, LAVALLEE e ALFERMANN (1999) é a orientação individualizada aos atletas no que diz respeito à organização do tempo para treinamento e estudos. A priorização dos estudos no planejamento da carreira destes jovens é imprescindível, pois se trata do mecanismo mais importante de preparação para um possível término de vida esportiva e consequente adaptação a uma nova atividade não esportiva.

Com relação a planejar ter outra profissão depois de parar de jogar futebol, pouco menos da metade (49%) afirmou que “Sim” e 51% afirmaram que

“Não”. Deste total que planeja ter outra profissão, 81,9% pensam ter uma profissão associada ao futebol, e 18,1% tem a intenção de escolher uma profissão não associada ao futebol. Este resultado corrobora outros estudos (AGRESTA, 2006; BRANDÃO, WINTERSTEIN, AGRESTA, PINHEIRO, AKEL & MARTINI, 2001; HACKFORT & HUANG, 2005; NORTH & LAVALLEE, 2004; WINTERSTEIN, BRANDÃO, PINHEIRO, AGRESTA, AKEL & MARTINI, 2001) que identificaram a escolha de uma profissão ligada ao esporte como um fator facilitador para a transição pós-carreira esportiva.

Perguntados se acham importante o auxílio de um profissional para ajudá-los a planejar sua carreira esportiva, 75,1% responderam que “Sim” e, para este grupo, o profissional mais indicado para dar este apoio é o empresário, conforme a FIGURA 6.

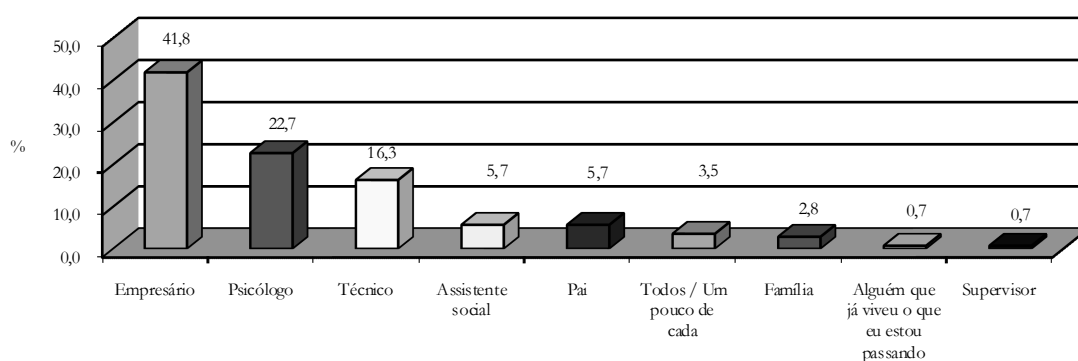


FIGURA 6 - Escolhas dos atletas sobre a pessoa mais indicada para fornecer-lhe auxílio no planejamento de sua carreira.

A escolha do empresário como o mais indicado para tal serviço pode partir da percepção do atleta de que o planejamento da carreira se limita a conseguir bons contratos. Há que ser feito, então, um trabalho de conscientização dos atletas e de capacitação dos empresários acerca de outras dimensões que envolvem o planejamento da carreira (ex. emocional, ocupacional, social, financeira).

Interessante perceber que o psicólogo surge como o segundo profissional mais escolhido. A presença da figura do psicólogo no futebol foi corroborada

quando 78,3% dos atletas responderam que já participaram de algum trabalho com um psicólogo do esporte. Quanto à atuação destes profissionais, estudos que avaliaram programas de apoio a jovens atletas (GORELLY, LAVALLEE, BRUCE, TEALE & LAVALLEE, 2001; NORTH & LAVALLEE, 2004) sugerem que as intervenções tenham caráter aplicado como, por exemplo, organização da rotina diária, estabelecimento de metas, visualização de situações da vida cotidiana, elaboração de currículo e preparação para entrevistas de emprego.

Conclusões

A partir dos resultados e da discussão, as conclusões deste trabalho serão expostas de acordo com os objetivos traçados inicialmente.

Escolaridade - Os resultados mostraram que a maioria dos atletas está defasada com relação à série escolar correspondente à idade e mais da metade em algum momento parou de estudar para se dedicar ao futebol. A dificuldade dos atletas em conciliar escola e vida esportiva aumenta a responsabilidade social dos clubes em oferecerem alternativas que facilitem e estimulem a continuação dos estudos para que eles tenham uma opção vocacional futura.

Formação esportiva inicial - A formação esportiva inicial destes atletas se deu principalmente na prática do futebol de rua. O tempo dedicado à prática informal é bastante elevado e pode ter forte influência no desenvolvimento do desempenho futuro de jogadores. Em um segundo momento, as escolinhas passam a ser o espaço de prática da modalidade, fato este que leva a um início precoce da especialização do treinamento - por volta dos nove anos de idade. Quanto ao tipo de prática, o futsal surgiu como um possível mecanismo importante de iniciação técnica. Estudos específicos devem ser desenvolvidos para detectar se há tal transferência. Por outro lado, estes atletas não vivenciaram a prática de diferentes modalidades esportivas nesta fase, ao contrário do que acontece com crianças talentosas de países desenvolvidos.

Contexto familiar e social - A maioria das famílias destes jogadores é de classe socioeconômica média-baixa e baixa. No entanto, há também um grupo razoável de famílias de classe média e média-alta que procura se ajustar e dar apoio à prática do filho. A distância da família é um dos principais problemas enfrentados pelos atletas. Ao ingressar na vida esportiva,

há uma mudança drástica nos círculos e práticas sociais dos atletas e aquilo que eles mais sentem falta é namorar e sair com os amigos.

Planejamento da carreira - De uma maneira geral, os atletas apresentaram um nível razoável de planejamento de suas atividades esportivas, com exceção do planejamento dos estudos. Pouca atenção é dada ao planejamento de uma carreira não-esportiva futura; no entanto, a maioria daqueles que o fazem optam por uma carreira associada ao futebol. Apesar da distância, a família é a principal referência quanto ao planejamento da vida esportiva do atleta. O pai é o principal conselheiro da maioria, enquanto o empresário vem tendo um papel representativo. A atuação do treinador como agente de apoio ao planejamento da carreira destes jogadores é bastante limitada.

Recomenda-se que sejam desenvolvidas outras pesquisas, tais como: estudos comparativos interculturais de atletas na mesma faixa etária; estudos longitudinais e demográficos que identifiquem o caminho tomado pelos atletas cuja carreira esportiva não atingiu a profissionalização; estudos que diagnostiquem a formação e atuação de empresários de jovens atletas; estudos sobre a percepção e atuação de treinadores acerca do planejamento da carreira do jovem atleta; estudos que identifiquem de forma mais detalhada as formas de suporte oferecidas pela família.

Ao finalizar este estudo, conclui-se que cabe aos clubes e federações desenvolverem programas de planejamento da carreira de jovens atletas, envolvendo, pais, empresários, dirigentes, e comissões técnicas. Este é um trabalho que deve começar desde pelo menos 13 anos de idade, quando a maioria dos atletas ingressa nas categorias

de base dos clubes profissionais. Estes programas devem focar, por exemplo, no apoio pedagógico aos atletas, em intervenções educativas direcionadas a pais e empresários, e aplicação direta de mecanismos formativos de planejamento da carreira esportiva e não esportiva dos atletas.

Abstract

Analyses of the sports career of youth football players in the transition between the amateur phase and the professional phase

This study analyzed the career of athletes in early adulthood that are facing the transition from amateur to professional sport. The aims of this study were: a) raise data related to their formal education; b) identify relevant factors in the sport initiation phase of the athletes; c) characterize their family and social context; d) identify factors that interfere in their career planning actions. A sample of 186 athletes with an average age of 18.46 years old (± 0.82) participated on the study. Two instruments were used for data collection: 1) a 46 question interview based on the Athletic and Post-athletic Questionnaire and the Sports Career Transitions Questionnaire and 2) a semi structured interview. The results indicated that the majority of the players had difficulty to combine studies and training and showed that the sports initiation of these athletes occurred on the streets. Their families lie at lower social economic levels and the social relationships of these players have undergone major changes along their careers. The athletes have shown a reasonable level of previous career planning, except for issues related to studies.

UNITERMS: Football; Sport psychology; Sports career; Career transition; Career planning.

Referências

- AGRESTA, M.C. **Causas e conseqüências do término de carreira esportiva em jogadores brasileiros de basquetebol e futebol profissional**. 2006. 87f. Dissertação (Mestrado) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ALFERMANN, D. Career transition and concomitant changes in athletes. In: WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY, 11., Sidney, 2005. **Proceedings...** Sydney: International Society of Sport Psychology, 2005. CD-ROM.
- ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N. Career transitions and career termination. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R.C. (Eds.). **Handbook of sport psychology**. 3rd ed. New York: Wiley, 2007. p.712-36.
- ALFERMANN, D.; WÜRTH, S. Coach-athlete interaction in youth sport. In: PAPAIOANNOU, A.; GOUDAS, M.; THEODORAKIS, Y. (Eds.). **The dawn of the new millennium**. Thessaloniki: Christodoulidi, 2001. v.3, p.165-6. (Program and proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology).
- BLOOM, G. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine Books, 1985.
- BOTTERILL, C. What endings tell us about beginnings. In: ORLICK, T.; PARTINGTON, J.T.; SALMELA, J.H. **Mental training for coaches and athletes**. [S.l.]: Coaching Association of Canada, 1983. p.164-5.
- BRANDÃO, M.R.F.; AKEL, M.C.; ANDRADE, S.A.; GUISELINI, M.A.N.; MARTINI, L.A.; NASTÁS, M.A. Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, São Caetano do Sul, v.8, n.2, p.49-58, 2000.
- BRANDÃO M.R.F.; WINTERSTEIN, P.; AGRESTA, M.; PINHEIRO, C.; AKEL, M.C.; MARITINI, L. Career transitions of former Brazilian top level athletes. In: PAPAIOANNOU, A.; GOUDAS, M.; THEODORAKIS, Y. (Eds.). **The dawn of the new millennium**. Thessaloniki: Christodoulidi, 2001. v.3, p.1-2. (Program and proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology).
- CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.13, p.395-417, 1999.

- CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. From play to practice: a developmental framework for the acquisition of expertise in team sports. In: STARKES, J.L; ERICSSON, K.A. (Eds.). **Expert performance in sports: advances in research on sports expertise**. Champaign: Human Kinetics, 2003, p.89-113.
- CÔTÉ, J.; SALMELA, J.H.; BARIA, A.; RUSSELL, S.J. Organising and Interpreting unstructured qualitative data. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.10, p.247-60, 1993.
- CÔTÉ, J.; SALMELA, J.H.; TRUDEL, P.; BARIA, A.; RUSSELL. The coaching model: a grounded assessment of expertise gymnastic coaches' knowledge. **The Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v.17, n.1, p.1-17, 1995.
- CRESWELL, J. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. Thousand Oaks: Sage, 2003.
- CROOK, J.M.; ROBERTSON, S.E. Transitions out of elite sport. **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v.22, p.115-27, 1991.
- DE KNOP, P.; WYLLEMANN, P.; VAN HOUCKE, J.; e BOLLAERT, L. Sports management: an European approach to the management of the combination of academics and elite-level sport. In: BAILEY, S. (Ed.). **Perspectives: the interdisciplinary series of physical education and sport science**. Oxford: Meyer e Meyer Sport, 1999. p.49-62 (v.1: School sport and competition).
- DONNELLY, P. Problems associated with youth involvement in high-performance sport. In: CAHILL, B.R.; PERAL, A.J. (Eds.). **Intensive participation in children's sports**. Champaign: Human Kinetics, 1993. p.95-126.
- DRUBSKY, R. **O universo tático do futebol: escola brasileira**. Belo Horizonte: Health, 2003.
- DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J.H. ; THOMPSON, K.A. The role of parents in the development and maintenance of expertise in sport. In: WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY, 11., Sidney, 2005. **Proceedings...** Sydney: International Society of Sport Psychology, 2005. CD-ROM.
- ERICSSON, K.A.; KRAMPE, R.; TESCH-RÖMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, Princeton, v.100, n.3, p.363-406, 1993.
- GORDON, S.; LAVALLEE, D.; GROVE, R.J. Career assistance program interventions in sports. In: HANDBOOK of research in applied sport and exercise psychology: international perspectives. Morgantown: West Virginia University, 2005. p.233-43.
- GORELY, T.; LAVALLEE, D.; BRUCE, D.; TEALE, B.; LAVALLEE, R. A sampling of perceptions of potential users of Australian Athlete Career and Education Program. **Academic Athletic Journal**, San Diego, v.15, p.11-21, 2001.
- GROVE, J.R.; LAVALLEE, D.; GORDON, S.; HARVEY, J.H. Account-making: a model for understanding and resolving distressful reactions to retirement from sport. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.12, p.52-67, 1998.
- HACKFORT, D.; EMRICH, E.; PAPATHANASSIOU, V. **Nachsportliche Karriereverläufe**. Eine Untersuchung zu berufsbezogenen Karrieren ehemaliger Spitzensportler. Schorndorf: Hofmann, 1997.
- HACKFORT, D.; HUANG, Z. Considerations for research on career counseling and career transition. In: HANDBOOK of research in applied sport and exercise psychology: international perspectives. Morgantown: West Virginia University, 2005. p.245-55.
- HUANG, Z.; SCHMIDT, U.; HACKFORT, D.; SI, G. Career transition of former elite athletes: preliminary results of a cross-cultural study between China and Germany. In: PAPAIOANNOU, A.; GOUDAS, M.; THEODORAKIS, Y. (Eds.). **The dawn of the new millennium**. Thessaloniki: Christodoulidi, 2001. v.3, p.151-3. (Program and proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology).
- LAVALLEE, D. Career awareness, career planning, and career transition needs among sports coaches. **Journal of Career Development**, Missouri, v.33, n.1, p.66-79, 2006.
- MILES, M.B.; HUBERMAN, A.M. **Qualitative data analysis: a sourcebook of new methods**. 2nd ed. Newbury Park: Sage, 1994.
- MORAES, L.C.; MEDEIROS FILHO, E.S. Estudo do processo de seleção de jovens futebolistas. In: CONGRESSO BRASILEIRO: PSICOLOGIA DO ESPORTE E DO EXERCÍCIO: Teoria e Aplicação, 12., São Paulo, 2006. **Anais...** São Paulo: USJT, 2006. CD ROM.
- MURPHY, S. Transitions in competitive sports: maximizing individual potencial. In: MURPHY, S. (Ed.). **Sport psychology interventions**. Champaign: Human Kinetics, 1995. p.331-45.
- NORTH, J.; LAVALLEE, D. An investigation of potential users of career transition services in the United Kingdom. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v.5, p.77-84, 2004.
- PARTNEY, L.G.; WATKINS, M.P. **Foundations of clinical research: applications to practice**. 2nd ed. Upper Saddle River: Prentice Hall, 2002.
- PUMMELL, B.; HARWOOD, C.; LAVALLEE, D. Jumping to the next level: a qualitative examination of within-career transition in adolescent event riders. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v.9, p.427-47, 2008.

- RABELO, A.S. **O papel dos pais no desenvolvimento de jovens atletas de futebol.** 2002. 104f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- SALMELA, J.H. Phases and transitions across sport careers. In: HACKFORT, D. (Ed.). **Psycho-social issues and interventions in elite sports.** Frankfurt: Peter Lang, 1994. p.11-28.
- SALMELA, J.H.; MARQUES, M.P.; FERREIRA, R.; DURAND-BUSH, N. Preparations for World Cup 2006: views of the Brazilian Coaching Staff. **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v37, n.2/3, p.139-56, 2006.
- SALMELA, J.H.; MARQUES, M.P.; MACHADO, R. The informal structure of football in Brazil. **Insight: The FA Coaches Association Journal**, v.1, n.7, p.17-19, 2003.
- SALMELA, J.H.; MORAES, L.C. Development of expertise: the role of coaching, families and cultural aspects. In: STARKES, J.L.; ERICSSON, K.A. (Eds.). **Expert performance in sports: advances in research on sport expertise.** Champaign: Humans Kinetics, 2003. p.274-94.
- SALMELA, J.H.; YOUNG, B.W.; KALLIO, J. Within-career transitions of the athlete-coach-parent. In: LAVALLEE, D.; WYLLEMANN, P. (Eds.). **Career transitions in sport: international perspectives.** Morgantown: Fitness Information Technology, 2000. p.181-93.
- SAMULSKI, D.; MARQUES, M. Planejamento da carreira esportiva. In: **PSICOLOGIA do esporte: manual para educação física, fisioterapia e psicologia.** 2. ed. Barueri: Manole, 2009.
- SCHLOSSBERG, N.K. A model for analyzing human adaptation to transition. **The Counseling Psychologist**, Saint Louis, v.9, p.2-18, 1981.
- SCHMIDT, U.; HACKFORT, D. Convergent and divergent results of a bi-national study on career transition of former French and German top athletes. In: PAPAIOANNOU, A.; GOUDAS, M.; THEODORAKIS, Y. **The dawn of the new millennium.** Thessaloniki: Christodoulidi, 2001. v.3, p.5-7. (Program and proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology).
- SCHMIDT, U.; SI, G.; HUANG, Z.; HACKFORT, D. A comparison between the career transitions of former Chinese and German top class athletes: theoretical and methodological consideration. In: **EUROPEAN CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY**, 10., Praga, 1999. **Proceedings...** Praga: Charles University Press, 1999. p.151-3.
- SINCLAIR, D.A.; ORLICK, T. Positive transitions from high-performance sport. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.7, p.138-50, 1993.
- STAMBULOVA, N. Transitional Period of Russian Athletes Following sports Career Termination. In: **WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY**, 9., Netanya, 1997. **Proceedings...** Netanya: International Society of Sport Psychology, 1997. p.658-60.
- STAMBULOVA, N.B. Sports career transitions of Russian athletes. In: **FEPSAC CONGRESS**, 9., Brussels, 1995. **Proceedings...** Brussels: FEPSAC, 1995. p.867-73.
- TAYLOR, J.; OGILVIE, B. Career transition among elite athletes: is there life after sports? In: WILLIAMS, J.M. (Ed.). **Applied sport psychology: personal growth to peak performance.** 3rd ed. Mountain View: Mayfield, 1998. p.429-44.
- THOMAS, J.R. ; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- VIANNA JÚNIOR, N.S. **A influência dos pais no desenvolvimento de jovens atletas de tênis.** 2002. 134f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2002.
- VIANNA JÚNIOR, N.S.; RABELO, A.S.; MOURTHE, K.; SALMELA, J.H. Families in sport in Brazil. In: **WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY**, 11., Sidney, 2005. **Proceedings...** Sydney: International Society of Sport Psychology, 2005. CD-ROM.
- WINTERSTEIN, P.; BRANDÃO, M.R.F.; PINHEIRO, C.; AGRESTA, M.; AKEL, C.M.; MARTINI, L. Transition in sports career in Brazilian professional soccer players. In: PAPAIOANNOU, A.; GOUDAS, M.; THEODORAKIS, Y. **The dawn of the new millennium.** Thessaloniki: Christodoulidi, 2001. v.3, p.3-4. (Program and proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology).
- WURTH, S.; ALFERMANN, D.; SABOROWSKI, C. Determinants of career dropout in youth sport. In: **EUROPEAN CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY**, 10., Praga, 1999. **Proceedings...** Praga: Charles University Press, 1999. p.7-12.
- WYLLEMANN, P.; ALFERMANN, D.; LAVALLEE, D. Career transitions in sport: European perspectives. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v.5, p.7-20, 2004.
- WYLLEMANN, P.; DE KNOP, P.; EWING, M.E.; CUMMING, S.P. Transitions in youth sport: a developmental perspective on parental involvement. In: LAVALLEE, D.; WYLLEMANN, P. (Eds.). **Career transitions in sport: International perspectives.** Morgantown: FIT Publications, 2000. p.143-60.

WYLLEMANN, P.; LAVALLEE, D. A developmental perspective on transitions faced by athletes. In: WEISS, M. (Ed.), **Developmental sport and exercise psychology: a lifespan perspective**. Morgantown: Fitness Information Technology, 2004. p.507-27.

WYLLEMANN, P.; LAVALLEE, D.; ALFERMANN, D. (Eds.). **Career transitions in competitive sports**. Biel: European Federation of Sport Psychology, 1999. (European Federation of Sport Psychology Monograph Series).

ENDEREÇO

Maurício Marques
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Presidente Antônio Carlos, 6627
31310-250 - Belo Horizonte - MG - BRASIL
e-mail: smcsport@uai.com.br

Recebido para publicação: 07/05/2008

Revisado em: 02/12/2008

Aceito: 29/04/2009